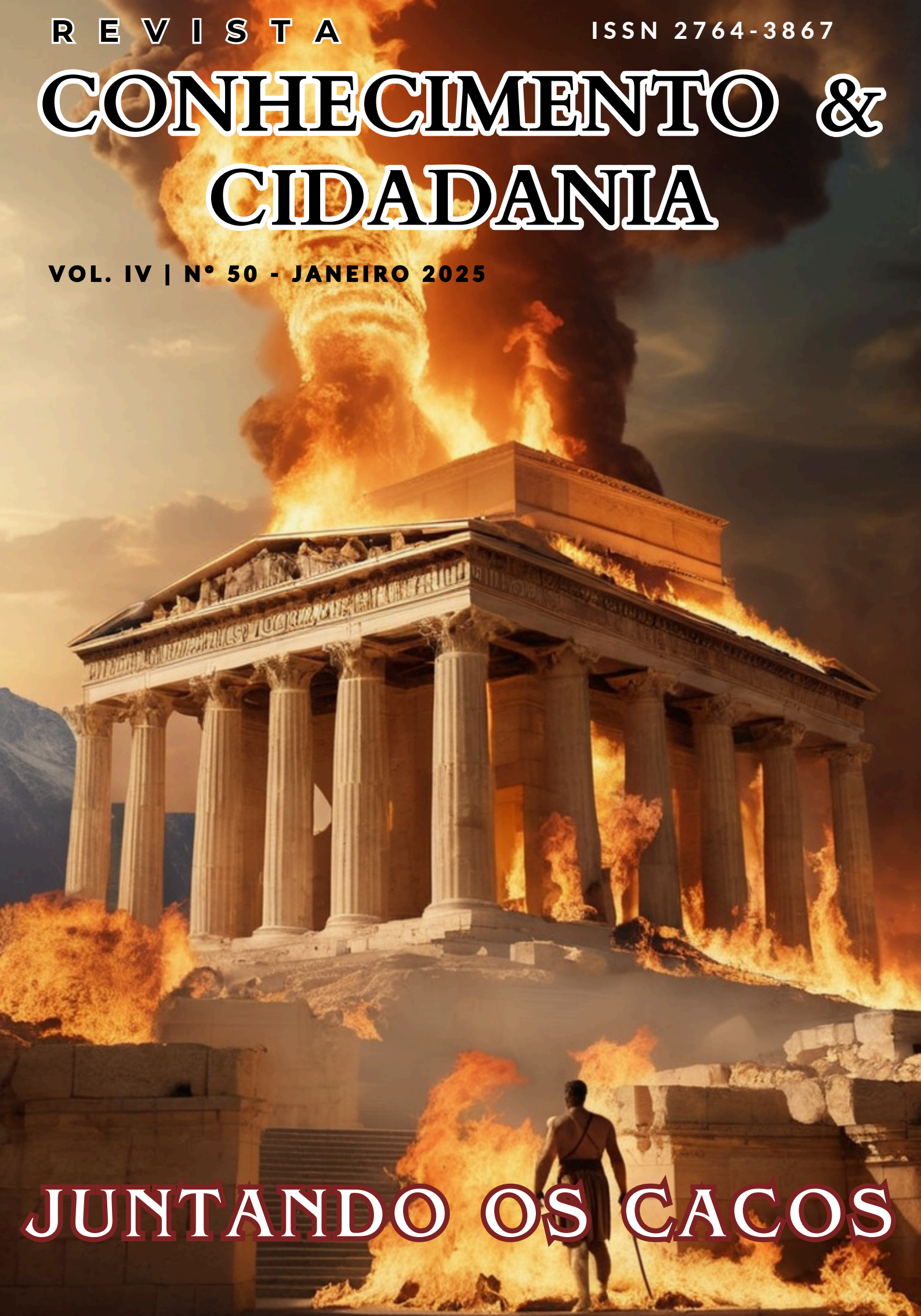


REVISTA

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. IV | Nº 50 - JANEIRO 2025



JUNTANDO OS CACOS

EDITORIAL

A Revista Conhecimento & Cidadania foi criada por uma família e amigos com o propósito de levar compreensão dos acontecimentos atuais e históricos ao maior número de pessoas possíveis. E exatamente por isso ela é totalmente gratuita e digital.

Leandro Costa - Editor-Chefe
Munique Costa - Editora Adjunta
Pedro Costa - Editor Auxiliar

Produção e Designer

Leandro Costa
Munique Costa

Redação

Leandro Costa
Munique Costa
Pedro Costa

Colunistas

Danielly Jesus
Erika Figueiredo
Juliette Oliveira
Leandro Costa
Mauricio Motta

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

www.revistaconhecimentocidadania.com



[Vaquinha online](#)



Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania



revistaconhecimentocidadania@gmail.com



[@revistaconhecimentocidadania](#)



[@revistaconhecimentocidadania](#)



[@RevConhecimento](#)



[@conhecimentocidadania](#)



Leandro Costa

EDITOR-CHEFE

Servidor público,
professor de Direito,
idealizador do projeto
Direito nas Escolas, autor
do livro: Direito nas Escolas
e Diretor na Associação
Brasileira de Juristas
Conservadores.

www.leandroconservadorrj.com

Revista Conhecimento &
Cidadania
Vol. IV – Nº 50
Janeiro de 2025
Rio de Janeiro – RJ
Menezes Costa
CNPJ 28.814.886/0001-26
ISSN 2764-3867

COLUNISTAS

LEANDRO COSTA

Servidor público, professor de Direito, idealizador do projeto Direito nas Escolas, autor do livro: Direito nas Escolas e Diretor na Associação Brasileira de Juristas Conservadores

ERIKA FIGUEIREDO

Promotora de Justiça. Escritora, Professora/Palestrante. Colunas Tribuna Diária/Conservador Parahyba.

JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spofy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

Juntando os cacos



A sabedoria dos antepassados pode ser observada em sua cultura e tal legado deve ser sempre invocado, pois, de nada serviriam mitos, fábulas, obras de ficção ou mesmo pensamentos senão para dar às civilizações posteriores formas de assimilar conhecimento sem ter a experiência, por vezes danosa, que seus antepassados vivenciaram. No século XXI, a defesa de regimes totalitários, especialmente o socialismo, causa grande espanto, uma vez que, o século anterior deveria servir como experiência para que a humanidade rejeitasse, de pronto, que tais regimes sequer existissem.

O nazismo e o fascismo, merecidamente, foram colocados no seu devido lugar, a lembrança daquilo que se pretende evitar, entretanto, o socialismo, mais amplo e adaptável, consegue sobreviver no imaginário dos loucos revolucionários e, ainda pior, contaminar grande parte dos incautos. Evidente que o nazismo e socialismo supracitados são os reais, não englobando aquele rótulo falso que os revolucionários tentam colar em qualquer um que se oponha a sua intenta nefasta.

O movimento revolucionário, que busca distorcer a realidade de forma autoritária e, supostamente, coletivista, é o embrião do socialismo que, por sua adaptabilidade, deu origem ao comunismo, ao nazismo e ao fascismo, todavia, diante do fracasso dos dois últimos, tratou de transferi-los ao espectro opositor, criando a narrativa frágil, mas constantemente reafirmada, que tais ideologias coletivistas estariam no espectro político que prima pela liberdade individual e a manutenção das tradições, o que seria um contrassenso, dada a necessidade revolucionária em romper *in totum* com o status quo.

Leandro Costa

A história nos ensina de acordo com aquilo que foi vivido e os mitos serviam para dar exemplos mesmo em se tratando de uma experiência hipotética, como o caso das renomadas obras 1984, e A Revolução dos Bichos (Animal Farm) de George Orwell, em que o autor britânico apresenta duas experiências ficcionais para ilustrar a vigilância exacerbada dos regimes totalitários e como a elite revolucionária, ao ocupar posições de poder, tende a se tornar tirana, considerando-se mais que os outros.

Por tal razão, sempre é importante buscar aprender através do legado daqueles que nos antecederam, seja por experiências vividas ou por contos que aduzem hipóteses. Os ideais revolucionários deveriam ser prontamente rechaçados pela sociedade atual com base em ambas as fontes, uma vez que, o nazismo, o fascismo e o socialismo se mostraram como erro que não devemos repetir, no caso do socialismo, ainda é possível que seja contemplado como um mal em curso, portanto, a reprovação de tais regimes deveria ser uma regra. Por outro lado, obras como as supramencionadas nos dão base argumentativa mais que suficiente para resistir tais ideologias, haja vista que, a simples imaginação de um mundo dominado pelo totalitarismo coletivista revolucionário deve ser encarada como alerta do perigo que tais regimes significam.

A sobrevivência humana e de seus valores depende de fatores que não são superficialmente perceptíveis, sendo, por vezes, necessário recuar diante do mal que por ora não se pode confrontar, sobre pena de não mais poder defender aquilo que se acredita. O martírio é sim grandioso e deve ser encarado como uma forma de defesa irrenunciável de valores, entretanto, ao mártir inconsequente, que se sacrifica sem necessidade real, não restará glória por seu sacrifício, mas a perda de seu esforço em vão.

Ainda que os ideais daquele que enfrenta um inimigo de maior força sejam nobres, se o fizer de forma impensada sofrerá uma derrota sem frutos, sendo seu martírio nada além de um suicídio tolo, evidente que sem a reprovação que se destina àquele que, deliberadamente, abriu mão do dom da vida pela fraqueza, caso em que o pecado é inegável. O chamado suicídio tolo, na verdade é uma vã tentativa de marcar o nome na história através de um martírio inútil.

Na mitologia grega há o mito de Tifão, talvez a mais forte e feroz criatura de todos os contos daquela civilização, que apesar de apresentar diferentes versões, ensina que há males que não podem ser encarados de peito aberto, sendo necessário recuar e analisar o que fazer antes de combatê-lo.

Antes da criação de tal besta mitológica, os deuses do Olimpo, liderados por Zeus, enfrentaram a geração que os antecederam, os titãs. A guerra entre os aliados de Cronos, líder dos Titãs e seus descendentes ficou conhecida como Titanomaquia, os deuses do Monte Olimpo e os titãs do Monte Órtis enfrentaram-se, segundo a lenda, por aproximadamente dez anos e, ao final, os olímpianos sagraram-se vencedores.

Leandro Costa

Os filhos do titã Cronos, agora reinando sobre o universo, dividiram, entre si, os céus, os mares e o submundo, tornando-se seus respectivos senhores, Zeus, Poseidon e Hades, restando àquele que recebeu os céus como domínio, reinar sobre todos os demais deuses, ocupando, portanto, o trono do Monte Olimpo. Zeus se tornara o senhor dos deuses e confinou os titãs no Tártaro, um lugar abaixo do submundo no qual apenas aqueles que mereciam o castigo além da vida eram encaminhados.

Tártaro é o nome de um deus primordial e também do lugar em que os castigos são aplicados aos condenados, assim como Hades que dá nome ao submundo e à divindade que o governa, o Tártaro também pode ser utilizado com ambos os sentidos. Inconformada com o destino de seus filhos, os titãs, Gaia decidiu se vingar dos olímpianos, em especial de seu neto Zeus, gerando um filho com o deus primordial Tártaro, senhor daquelas terras em que os titãs foram jogados.

Da união entre Gaia e Tártaro surgiu a criatura mais feroz e forte que podiam conceber, Tifão era uma figura tão devastadora que permaneceu trancada nos domínios de seu pai até que tivesse força o suficiente para cumprir os desígnios de sua vingativa mãe. O mito descreve-o como uma figura monstruosa capaz de intimidar até mesmo os deuses do Olimpo, pois narra que sobre seus ombros havia cem cabeças de serpentes, seus braços tocavam o ocidente e o oriente e era tão alto que tocava as estrelas,

A primeira lição do mito de Tifão pode ser encarada como a preparação do mal, na qual a criatura, apesar de monstruosa e de proporções colossais, permanece escondida dos olhos de seus inimigos até que tenha força suficiente para destroná-los, de forma que, podemos aprender que, o verdadeiro mal manter-se-á à espreita até se considere capaz de subjugar seus oponentes. Os regimes totalitários, em regra, tentam esconder sua natureza autoritária até que consigam constranger os indivíduos para que se curvem à sua vontade, por isso, seus agentes tentaram imprimir uma narrativa de que lutam contra a ditadura ou imperialismo até que se sintam confiantes e avancem sobre as liberdades do povo.

Os falsos defensores da democracia que desejavam implantar uma ditadura que, também de forma mentirosa, dizia-se do proletariado, quando, em verdade, era de uma elite socialista que nada tem a ver com a classe trabalhadora, usando apenas o chavão de lutar por oprimidos para ganhar força política. Assim fazem os defensores das pautas identitárias, que, não se importam com os desejos esquizofrênicos de suas hordas, mas usam-nas para galgar o poder e os abandonaram assim que perceberem que tal secto perdera sua serventia.

Quando Tifão emerge do Tártaro, tal criatura já está em condições de confrontar os olímpianos, não lhes sendo facultada a oportunidade de cortar o mal pela raiz, tendo em vista que ignoravam a existência de um mal tão grande. Assim como algumas forças que foram gestadas em segredo, por vezes tendo sua existência negada após alguém a denunciar, como o Foro de São Paulo, tão logo alcançado o patamar que lhe confira usar o poder, assumir-se-á como a naturalidade de quem nunca negou sua

Leandro Costa

existência, orgulhando-se de sua natureza outrora encoberta por se tratar de algo abjeto, mas, que, diante da força que conquistara na obscuridade, pode calar qualquer um que se levante para combatê-la.

Quando, finalmente, Tifão se dirige ao Monte Olimpo, morada de seus inimigos, os deuses que, amedrontados pela figura ameaçadora, fogem para terras distantes, restando apenas Zeus, Atena e Dionísio, contudo, há versões em que o último deles também deixa o Olimpo junto aos demais deuses. Não é relevante discutir se Dionísio partira ou ficara, pois, em nenhuma versão ele se opõe a criatura, sendo certo que, na versão em que permanecera no Olimpo, Dionísio apenas sobrevivera sem defender os deuses, logo, deixou de ser um problema para Tifão.

Atena, que segundo o mito, era destemida demais para deixar o Olimpo, nada fizera para confrontar a fera, deixando que Zeus lutasse sozinho em defesa de seu trono, entretanto, no primeiro confronto, Tifão saíra vitorioso, resistindo aos raios do senhor do Olimpo e desmembrando-o como forma de punição e, principalmente, de estabelecer seu domínio, reinando assim sobre todas as coisas. A criatura era imbatível e ninguém além de Zeus era capaz de confrontá-la, mas o senhor dos deuses estava sem o seu poderoso raio e desmembrado, portanto, incapaz de levantar-se contra um mal tão poderoso.

Há versões diferentes que atribuem a Cadmo tal feito, entretanto, a maior parte dos autores atribuí ao deus Hermes, mensageiro dos olímpianos, o resgate do raio e dos membros do senhor do Olimpo. Segundo o mito, na versão que consideraremos, o deus mensageiro fugira junto de seus pares para terras distantes, a princípio o Egito, deixando que Zeus confrontasse sozinho a temida criatura, entretanto, Hermes usara de um artifício em favor dos olímpianos, fugindo em um primeiro momento para, só depois, resgatar os restos de Zeus, bem como, o poderoso raio, dando ao senhor do Olimpo a chance de um revanche face seu algoz.

Não fosse pela perspicácia Hermes, os olímpianos restariam derrotados e Tifão tornar-se-ia o senhor do mundo, reinando sobre todas as coisas, haja vista que, segundo o mito, era uma besta impossível de ser confrontada. Foi o deus mensageiro quem realmente deu aos deuses do Olimpo a chance, através da força de Zeus, de confrontar mais uma vez a feroz criatura e, usando da astúcia, vencê-la.

Hermes, assim como os demais deuses, poderia ser tratado no mito como um covarde que, na presença de Tifão, preferiu a fuga ao confronto, deixando que o mal vencesse em um primeiro momento. Sob o risco de lhe cair a pecha de um fraco que foge do mal em vez de confrontá-lo, o deus mensageiro deixou, cabisbaixo, a sua morada, como um frouxo diante da desolação, entretanto, a corajosa Atena nada fez além de instigar que seu pai enfrentasse o monstro, mantendo a postura de quem não recua diante do mal, por mais que nada tenha feito de fato.

Leandro Costa

Ao juntar os cacos do mais poderoso dos deuses olímpianos, ou seja, os membros e o raio de Zeus, Hermes salvara seus pares da destruição ou da submissão, pois, soube o momento de recuar para agir quando o momento oportuno chegasse, demonstrando grande sabedoria, Hermes esperou que o mal triunfasse para derrubá-lo sem que o próprio deus tivesse de empunhar a espada, apenas resgatando aquele que, embora destruído, podia vencer Tifão em uma batalha.

Outro ponto no mito de Tifão que não é pacífico trata da forma como Zeus derrota tal criatura, pois, para alguns o senhor do Olimpo vence a besta usando a força de seus raios, entretanto, há uma versão que aponta ter o mestre dos olímpianos contado com a ajuda das parcas, criaturas que controlavam o destino de homens e divindades, raramente se envolvendo em embates de qualquer natureza, uma vez que, sua neutralidade era necessária para que o destino não se curvasse aos anseios de quem quer que seja. Qualquer semelhança com um Judiciário passivo e afastado das questões políticas não é mera coincidência, a interferência das parcas não deve ser confundida com uma ação parcial, ou mesmo passional, de um Poder ou órgão que deveriam permanecer inertes, sob a alegando que estariam “salvando a democracia”, pois como é sabido, as parcas não desequilibraram o destino quando havia uma luta natural entre titãs e deuses pelo poder, somente o fizeram, quando o usurpador era uma besta que sequer deveria reclamar o trono. Como se o Poder Judiciário ou as Forças Armadas agissem contra a ditadura que se instalou na Venezuela pelo meio da força, caso em que se justificaria uma reação, haja vista que, a chamada ruptura institucional já ocorrera.

Na versão na qual Zeus conta com a ajuda das parcas, tais criaturas oferecem maçãs envenenadas a Tifão que tem seu poder reduzido consideravelmente, permitindo assim que Zeus o vencesse em um confronto direto. Assim, diante da perspicácia de Hermes e da ajuda externa das parcas, o senhor do Olimpo teve a oportunidade de vencer a fera e recuperar o trono dos deuses.

Tifão foi aprisionado no Monte Etna, na Sicília, e, as lavas daquele vulcão são atribuídas à sua fúria.

A segunda lição do mito de Tifão é que, algumas vezes, aquele que parece se acovardar, como Hermes fizera, está apenas recuando para pensar em um contraataque, pensando em uma medida futura que poderá surtir maior efetividade que um simples ataque franco e imprudente, por isso, o deus mensageiro não pode ser tratado como um covarde, mas como um estrategista que ganha tempo e volta para, no futuro, derrotar o mal que parecia invencível em um primeiro momento.

Por outro lado, Atena, que assumiu postura corajosa, nada mais fez que emular um heroísmo vazio que em nada ajudou os olímpianos, sendo uma ação que, no máximo, lhe rendeu a admiração daqueles que não puderam ver com maior sobriedade o que realmente ocorrera.

Leandro Costa

Zeus, mesmo não tendo recuado, foi ensinado que há momento em que a sabedoria é mais importante que a força bruta, pois, sem a ajuda de Hermes, jamais derrotaria Tifão, bem como, teve de contar com um período de exílio na atual Síria, quando recuperava suas forças, e a ajuda das parcas para que o poderoso monstro enfraquecesse.

A mitologia nos ensina que medidas populistas como a de Atena, podem até sinalizar coragem, mas são inócuas diante de um grande mal, posto que, em que pese Zeus tenha confrontado Tifão em razão dos questionamentos de sua filha, não foi por conta deles que saíra vitorioso. Além disso, ensina que Hermes preferiu deixar de enfrentar diretamente o monstro ou instigar que outrem o fizesse para preparar uma revanche na qual Zeus poderia ter uma chance real de vitória.

Por fim, Zeus precisou se socorrer das parcas para reduzir os poderes do inimigo e, só assim, derrotá-lo.

O cenário atual é bem parecido com o mito de Tifão, considerando que o mal que se pretende combater é inequivocamente forte, talvez a descrição do monstro sirva para ilustrar o quão poderosos é o movimento revolucionário, sendo necessário, por vezes recuar e juntar os cacos para contraatacar em um momento propício. Evidente que alguns preferiram posar como Atena, corajosa e inútil diante do mal que tomava o Olimpo, mas há quem saiba seu verdadeiro papel e veja que Hermes foi que, realmente, salvou os olímpianos naquele episódio.

Há momentos que o heroísmo reside em retroceder para avançar quando oportuno e outros que alianças precisam ser costuradas, contudo, o que diferencia um herói de um covarde é não renunciar, em seu íntimo, seus valores.

Quando tudo parecer perdido, devemos manter a frieza para juntar os cacos e quando tivermos a oportunidade lutarmos com todas as forças.

“Triunfam aqueles que sabem quando lutar e quando esperar” Sun Tzu – A Arte da Guerra.

As picanhas e os pícaros da picaretagem



O termo "pícaro" e suas variações, como "picareta" e "picaretagem", têm raízes históricas e culturais, particularmente ligadas à literatura espanhola do século XVI, mais especificamente aos romances picarescos. Esses termos evoluíram ao longo do tempo, mas todos compartilham um vínculo comum com a figura do indivíduo astuto, muitas vezes marginal, que usa de artifícios e dissimulação para alcançar seus objetivos.

A origem do termo "pícaro" remonta à figura de indivíduos que, durante a Idade Média e o Renascimento, eram vistos como aventureiros, muitas vezes soldados esfarrapados e famintos, oriundos da Picardia, uma região do norte da França. Embora a conexão com a Picardia seja uma teoria e não uma certeza histórica, o termo passou a ser associado a pessoas em situações precárias, que vagavam pela sociedade sem uma posição definida, mas que possuíam habilidades de sobrevivência, muitas vezes baseadas na esperteza e no engano.

Nos romances picarescos, como *Lazarillo de Tormes* (1554), o "pícaro" passa a ser caracterizado como uma figura de classe social inferior, frequentemente descrita como servente, ajudante de cozinha ou trabalhador de baixo escalão, que se utiliza de artifícios, dissimulação e malícia para alcançar seus objetivos. O "pícaro" é um personagem que, apesar de sua condição precária, exibe uma sagacidade e

Mauricio Motta

uma falta de escrúpulos que o tornam capaz de manipular e enganar os outros para garantir sua sobrevivência, frequentemente utilizando de mentiras e de estratégias ardilosas.

O termo "picareta", derivado de "pícaro", começou a ser usado para se referir a pessoas que agem de maneira desonesta, enganosa e trapaceira, associando-se assim à prática de "picaretagem", que descreve a atividade de enganar, fraudar ou tirar proveito de situações por meio de artifícios. Hoje, "picareta" e "picaretagem" são termos populares para descrever ações fraudulentas ou enganosas em diversos contextos sociais, especialmente em relações comerciais, políticas e pessoais. Golpes como as famosas pirâmides financeiras, a venda de pontos turísticos ou até mesmo a promessa de picanha, trazem à tona a característica mais básica dos picaretas e seus golpes: se aproveitam da boa fé ou da ambição dos incautos para alcançarem seus objetivos. Popularmente é conhecida uma expressão bastante jocosa que diz que "todos os dias um malandro e um otário saem às ruas, quando se encontram dá negócio". Algumas vezes nem precisam sair às ruas.

Agora que já sabemos da origem das palavras, vamos pinçar quatro histórias de grandes picaretagens históricas. Apenas quatro, visto que o volume de casos possivelmente lotaria uma biblioteca e certamente não queremos cansar os leitores.

Michelangelo di Lodovico Buonarrothi Simoni, cuja obra dispensa maiores apresentações, foi, em seus primeiros anos, um artista iniciante e ainda desconhecido. Em 1496, com o objetivo de alavancar sua carreira e ganhar visibilidade, criou uma escultura de Cupido dormindo. A representação de Cupido não era algo particularmente original, sendo um tema comum entre os artistas da época, e ainda mais irrelevante vindo de um desconhecido. Por isso, essa obra teria pouco valor no mercado de arte.

Para aumentar suas chances de venda, Michelangelo recorreu a um artifício: tratou a escultura com terra ácida para fazê-la parecer mais antiga. Com isso, conseguiu vendê-la a um negociante chamado Baldassare del Milanese, que, por sua vez, a revendeu ao Cardeal Riario de San Giorgio. No entanto, o cardeal logo descobriu a fraude e exigiu o reembolso. Quando Michelangelo pediu a devolução da escultura de Baldassare, este se recusou, afirmando que preferiria destruí-la a devolvê-la.

A relevância dessa história, contudo, não está apenas na fraude em si, mas no fato de que a escultura de Cupido foi responsável por atrair a atenção para os talentos de Michelangelo como escultor pela primeira vez, marcando um ponto de virada em sua carreira.

Em 1920, Charles Ponzi, um ítalo-americano conquistou uma grande quantidade de investidores ao prometer lucros de 50% em apenas 45 dias. Seu esquema envolvia a compra de cupons postais de outros países, que eram então trocados por selos nos Estados Unidos a preços mais altos. Contudo, as despesas e o tempo necessário para a conversão das moedas comprometiam qualquer possibilidade de lucro real. Mesmo assim, a propaganda de um cliente a outro alimentava a demanda e, por um tempo,

Mauricio Motta

Ponzi conseguiu pagar os investidores mais antigos com o dinheiro dos novos participantes – sempre mantendo para si uma parte substancial dos recursos.

Quando o golpe desmoronou, ficou claro que, para manter as promessas de rentabilidade, seriam necessários 160 milhões de cupons postais. No entanto, no mercado só existiam 27.000 unidades disponíveis. Após ser condenado e cumprir pena, Ponzi se mudou para o Rio de Janeiro, onde viveu seus últimos anos em extrema pobreza, falecendo em 1949. Seu nome ficou eternamente ligado ao famoso "esquema de Ponzi", que se tornaria um dos golpes mais conhecidos no mundo.

Um dos maiores esquemas de pirâmide financeira do Brasil envolveu as Fazendas Reunidas Boi Gordo, que atraiu cerca de 30.000 investidores e resultou em perdas estimadas em 3,9 bilhões de reais. A proposta era tentadora: lucros de 42% em um ano e meio, levando muitos a investirem suas economias. A empresa, fundada em 1988, iniciou suas operações no mercado, mas foi nos anos 90 que passou a comercializar contratos de investimento coletivo (CICs), criando uma fachada de atividade agrícola focada na engorda de bois e criação de bezerros. No entanto, a verdadeira base do esquema não estava na criação de gado, mas no recrutamento contínuo de novos investidores, que financiavam os pagamentos prometidos aos antigos.

Durante uma década, a Boi Gordo cresceu, e até tentou abrir seu capital para regularizar suas operações, algo que não evitou o colapso do modelo de negócios. A empresa também apostou na publicidade, com anúncios estrelados pelo ator Antônio Fagundes durante a exibição da novela Rei do Gado, o que ajudou a atrair mais participantes. Contudo, em 2001, a Boi Gordo começou a enfrentar sérios problemas financeiros e não tinha mais recursos para honrar os resgates solicitados pelos investidores. Em 2004, foi decretada a falência da empresa, mas o processo judicial em torno do caso ainda está em andamento, com esforços sendo feitos para tentar recuperar ativos e indenizar os credores.

Em relação à responsabilidade dos envolvidos, o processo criminal contra o fundador Paulo Roberto de Andrade foi encerrado em 2009 pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ), embora ele tenha sido multado pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM) em 2003 em mais de 20 milhões de reais e proibido de atuar como administrador de empresas abertas por 20 anos. A falência e as tentativas de recuperação das perdas dos investidores expuseram a fragilidade do sistema, caracterizando-o como um típico esquema de pirâmide, no qual a entrada de novos participantes era essencial para sustentar os pagamentos aos mais antigos.

Bem, são casos realmente impactantes. O primeiro, porque quem suspeitaria que Michelangelo faria uma 'traquinagem' como a de 1496? O segundo, porque Charles Ponzi popularizou e emprestou seu nome a um dos golpes mais famosos e ainda praticados atualmente: a pirâmide financeira, que se aproveita da ambição que muitos guardam em si. O terceiro, porque trouxe o esquema da pirâmide

Mauricio Motta

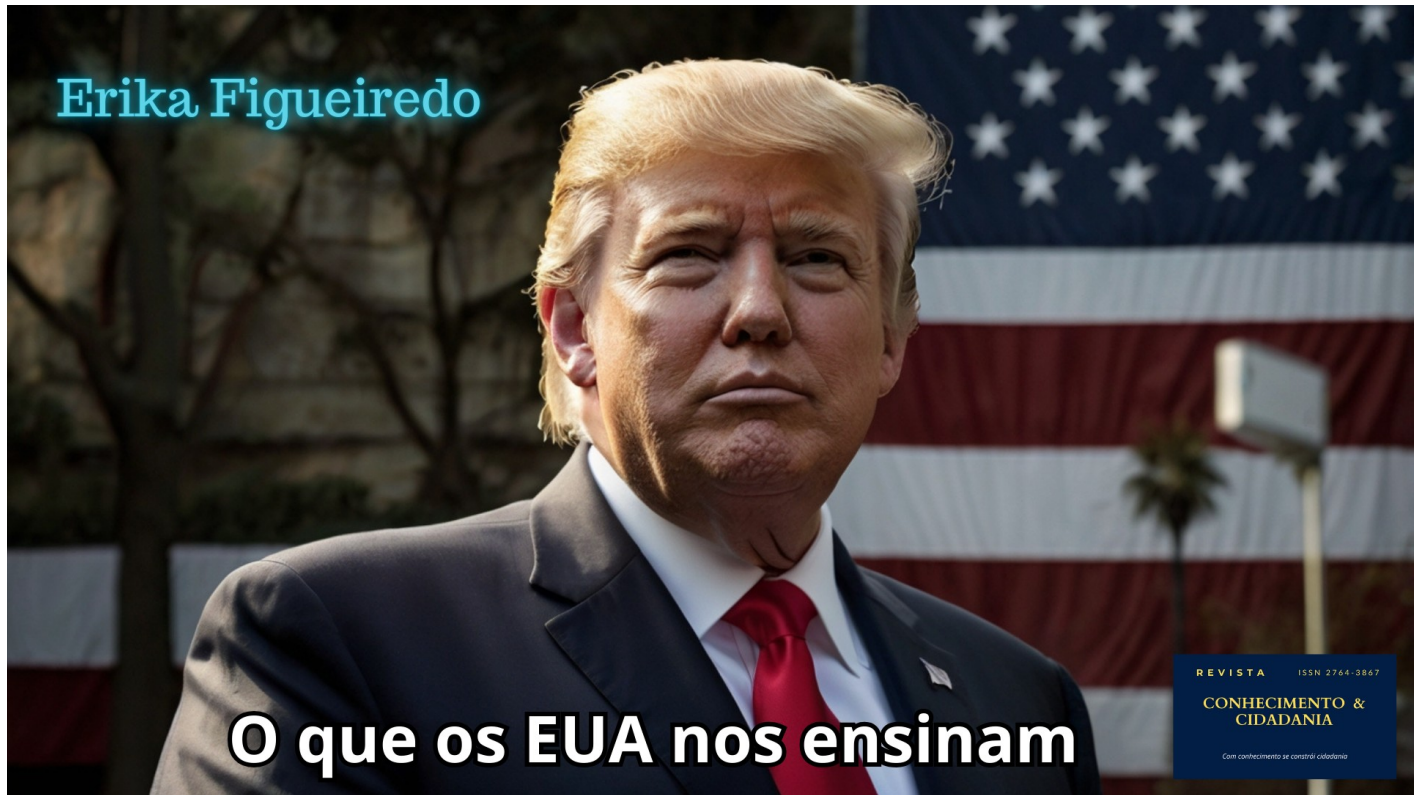
financeira à televisão, invadindo os lares brasileiros e demonstrando que, desde famosos até anônimos, todos podem ser vítimas da própria ambição. Mas, já que falamos de bois, vamos ao quarto e último estratagema.

O então candidato Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) fez uma declaração sobre os eleitores voltarem a comer picanha. A declaração ocorreu em 6 de agosto de 2002, durante um evento de campanha em São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo. Na ocasião, Lula estava se dirigindo aos seus apoiadores e fez a seguinte afirmação, que se tornou famosa: *“Nós vamos voltar a reunir a família no domingo e nós vamos fazer um churrasquinho e nós vamos comer uma fatia de picanha com uma gordurinha passada na farinha e tomar uma p* de uma cerveja gelada. Aí, bicho, o povo entra em delírio porque é isso que o povo quer”*.

A promessa aparentemente alavancou votos para o candidato. Obviamente, não foi apenas aquela promessa rica em proteína e gordura saturada que fez de Lula o 39º presidente do Brasil, mas um conjunto de fatores que não arriscaremos explicar neste artigo. O fato é que aquela promessa despertou a ambição e o apetite de muitos, que, mesmo não possuindo os meios para comprar por si a tão desejada picanha, viram a possibilidade de se beneficiarem. Um gatilho mental que sequestrou a pouca racionalidade de muitos, dando vez aos impulsos mais primitivos.

Oferecer vantagem imerecida ou excessiva, despertar a ambição e o desejo sem necessidade de contrapartidas, prometer o que não se pode garantir. Todos são elementos que podemos encontrar em muitos golpes e estelionatos, até mesmo os eleitorais. Assim como em Oséias 4:6, o povo continua perecendo por falta de conhecimento. As classes populares ainda votam com o estômago, ainda são dirigidas por instintos e não por sentimentos nobres. Se a mentalidade não mudar nem mesmo pela via do sofrimento, só nos restará abandonar a vaidade e admitir que sempre estivemos, estamos e estaremos dependentes da misericórdia de Deus, pois nem mesmo pedir nós sabemos.

“Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites. Adúlteros e adúlteras, não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus.” Tiago 4:3."

O que os EUA nos ensinam

Donald Trump toma posse no dia 20 de janeiro, como 47º Presidente dos Estados Unidos da América. Desde que venceu as últimas eleições, de forma histórica e acachapante, seu retorno tem gerado diversos efeitos pelo mundo e creio que continuará assim, até o fim de seu mandato.

Trump venceu de Kamala Harris, com os EUA mergulhados em inflação e o mundo consumido por guerras, que trazem riscos enormes para toda a Humanidade. Outro desafio, para o presidente, serão as pautas identitárias e as ideologias, que tomaram o cenário global.

Entretanto, ventos de mudança já começaram a soprar. No quesito guerras, há uma possibilidade real de pôr fim ao conflito entre Rússia e Ucrânia e houve a assinatura de um acordo de cessar fogo em Gaza, com libertação de reféns e permissão de entrada de ajuda humanitária no território palestino.

Quando o tema são as políticas woke e suas consequências, que fizeram com que grandes empresas mudassem sua postura, regulando as redes sociais e produzindo conteúdo voltado para os grupos que reivindicam “igualdade”, Elon Musk, Mark Zuckerberg e Jeff Bezos tornaram-se aliados de Trump, modificando seus discursos e adotando medidas concretas em suas empresas, para deter o avanço desse discurso ideológico, sendo Musk nomeado como membro da administração, na gestão que inicia-se agora.

Erika Figueiredo

Na economia, o dólar e a bolsa de valores alcançaram cotação recorde, demonstrando que o mercado financeiro confia em Trump e em suas políticas. Há promessas de redução da inflação e queda dos juros, melhorando a vida dos americanos e, conseqüentemente, impactando o resto do mundo.

Há, também, a promessa de combate eficaz da criminalidade crescente e da imigração ilegal, que gera o ingresso de condenados por crimes e traficantes de drogas, além de membros de grupos terroristas, no território americano. E a renúncia de Justin Trudeau, após mergulhar o Canadá nas drogas e na violência, com suas políticas de extrema esquerda de liberação total das drogas e descriminalização do furto.

Tudo isso aconteceu antes da posse, fazendo com que acreditemos que muitas outras transformações estão por vir. Mas é preciso compreender a que se deve sua capacidade de fazer a diferença.

Donald Trump não é um super-homem, um semi Deus ou alguém capaz de fazer milagres. Contudo, trata-se de um empresário de sucesso, um homem de negócios com pulso firme e as ideias certas na cabeça, controlando a maior potência mundial e sem receio de enfrentar seus opositores. E o mundo precisa desesperadamente de alguém corajoso.

Muitos detestam seu jeito arrogante, sua figura e seu linguajar. No entanto, não se pode negar que Trump é um daqueles jogadores que chegam para definir a partida, não se contentando em assistir do banco de reservas a vitória do seu adversário. Após a catastrófica gestão Biden, que encontra-se senil e deambulante, sem condições de resolver conflitos e tomar decisões arrojadas, ansiava-se justamente por uma presença forte e que cause impacto.

Com o mundo à beira de uma guerra mundial e em um precipício de valores e princípios morais, Trump – que foi caluniado, difamado, sofreu tentativa de impeachment, condenações e dois atentados durante sua campanha – manteve-se firme em seu discurso e na exibição de suas virtudes e defeitos publicamente : não esconde quem é e quais são os seus propósitos. Isso faz toda a diferença, humanizando-o frente a seus eleitores.

Debaixo de um frio enregelante, Washington espera por seu presidente, rezando para que sua presença possa ajudar o mundo a voltar para os trilhos novamente. Como diz o meu amigo Roberto Motta, na maior parte das vezes, o que se espera é simplesmente a defesa das “ ideias certas” . Go Trump!

A Perfeição do Plano Divino



O plano de Deus é um conceito central na teologia cristã, refletindo a crença de que Deus, em Sua infinita sabedoria e amor, possui um propósito soberano e benevolente para a criação e para cada indivíduo. Esse plano divino é frequentemente descrito como um caminho de redenção, salvação e realização, que se desenrola através da história humana desde a criação até a consumação dos tempos.

De acordo com a fé cristã, o plano de Deus é revelado progressivamente nas Escrituras e é centrado na obra redentora de Jesus Cristo. Desde os primeiros momentos da humanidade, Deus traçou um caminho para reconciliar a criação consigo mesmo, restaurando a harmonia que foi rompida pelo pecado de Adão e Eva. Esse plano é tanto coletivo, envolvendo a salvação de toda a humanidade, quanto individual, refletindo o cuidado e o propósito de Deus para cada pessoa.

Através de eventos históricos, profecias e ensinamentos, o plano de Deus se manifesta de maneiras surpreendentes e, muitas vezes, misteriosas. Ele inclui promessas feitas a figuras bíblicas como Abraão, Davi e os profetas, e encontra seu ápice na vida, morte e ressurreição de Jesus. Além disso, o plano divino continua a se desdobrar na vida de cada um até hoje, guiando-os em direção a um futuro de esperança e plenitude.

Refletir sobre o plano de Deus nos convida a confiar na Sua soberania, mesmo diante das adversidades, e a encontrar significado e propósito em nossa própria existência. Como parte desse plano, somos chamados a viver de acordo com os princípios e valores que Deus estabeleceu, contribuindo para a

Juliette Oliveira

realização de Sua vontade na terra., isto nos serve como um convite para explorar mais profundamente o plano de Deus e como ele se revela na história e em nossas vidas pessoais.

Após a caída de Adão e Eva no paraíso e a entrada do pecado no mundo, Deus estabeleceu algumas novas alianças com seu povo. Assim, Deus escolheu Abraão para ser o pai de muitas nações, e através dele, todas as famílias da terra seriam abençoadas (Gênesis 12, 3). A promessa a Abraão foi o começo de um plano divino que culminaria na vinda de Jesus.

Avançando um pouco mais na história, nos deparamos com Davi, ou como conhecido, o Rei Davi . A promessa de Deus a Davi, de que seu trono seria estabelecido para sempre (2 Samuel 7, 1), encontrou seu cumprimento em Jesus, o descendente de Davi que traria a salvação ao mundo. Esse plano demonstra a fidelidade, a soberania de Deus em cumprir Suas promessas e afirma sua legitimidade como Rei dos judeus.

E finalmente, para a vinda do Salvador: José e Maria. Embora José seja destacado nas genealogias, a tradição cristã também reconhece a importância de Maria. A linhagem de Maria, embora não explicitamente traçada, é frequentemente ligada à de José, mostrando a união das heranças. A escolha de Maria, uma jovem humilde, para ser a mãe do Salvador, mostra que Deus vê além das aparências e escolhe aqueles que são puros de coração. Maria foi preparada por Deus para essa missão desde o início, evidenciando a perfeição do plano divino.

Desde o princípio dos tempos, a humanidade tem buscado compreender o propósito e o significado de suas vidas. Para os que creem, a resposta é clara e reconfortante: tudo acontece segundo a Vontade de Deus. Esta visão nos convida a enxergar cada acontecimento, seja grande ou pequeno, como parte de um plano divino maior, cuidadosamente tecido pelo Criador.

Ao longo da história bíblica, vemos exemplos contundentes de como Deus orquestrou eventos, pessoas e circunstâncias para realizar Sua vontade perfeita. Desde as promessas feitas a Abraão até o nascimento de Jesus, cada detalhe foi planejado com um propósito específico. As profecias cumpridas, as intervenções milagrosas e os encontros providenciais servem como testemunhos do cuidado e da intenção divina.

Nesta jornada de fé, somos chamados a confiar na soberania de Deus, mesmo quando os caminhos parecem incertos ou difíceis. Reconhecer que estamos vivendo dentro do sonho de Deus traz um profundo senso de paz e propósito.

Significa que nossas vidas têm valor e significado, não por acaso, mas porque fazemos parte de um plano amoroso e perfeito.

Assim, enquanto exploramos a perfeição do plano divino, somos convidados a refletir sobre nosso próprio papel neste grande esquema. Como podemos alinhar nossas vidas com o sonho de Deus? Quais

Juliette Oliveira

são os propósitos divinos que Ele tem reservado para cada um de nós? Somos chamados a uma reflexão mais profunda sobre a confiança na providência divina e a busca de viver de acordo com o que Deus sonhou para nós.

Os profetas do Antigo Testamento anunciaram a vinda do Messias, detalhando aspectos específicos de sua vida e missão. Isaías, por exemplo, profetizou o nascimento virginal e a natureza redentora do Messias (Isaías 7, 14, 53, 5). Essas profecias se cumpriram perfeitamente em Jesus, confirmando que tudo estava nos planos de Deus.

Desde o nascimento de Jesus, em Belém, conforme predito pelo profeta Miqueias (Miqueias 5, 2), até a crucificação e ressurreição, cada evento da vida de Jesus estava de acordo com o plano divino. Nada aconteceu por acaso; cada detalhe foi sonhado e preparado por Deus para a redenção da humanidade.

A linhagem de Jesus e os eventos que moldaram sua vida são testemunhos da perfeição e do propósito divino. Enquanto exploramos essa ascendência, percebemos que cada nome e cada acontecimento não são meras coincidências, mas parte de um plano maior, orquestrado por Deus desde o início dos tempos.

Como costumamos dizer, nada é coincidência, tudo que é providência.

Deste modo, a origem de Jesus é uma narrativa de redenção, onde Deus usa pessoas imperfeitas para cumprir Seu propósito perfeito. Desde Adão até Jesus, vemos uma linha contínua de graça e misericórdia divina. Cada nome representa uma peça vital no quebra-cabeça da salvação.

Os Evangelhos de Mateus e Lucas apresentam duas genealogias distintas de Jesus. Mateus começa com Abraão e segue até José, o pai legal de Jesus, enfatizando a herança judaica e real de Jesus, passando por figuras como Davi e Salomão. Este evangelho busca conectar Jesus diretamente às promessas feitas a Abraão e Davi, destacando Jesus como o Messias esperado.

Lucas, por outro lado, traça a ascendência de Jesus começando por José e retrocede até Adão, o primeiro homem. Ao fazer isso, Lucas sublinha a universalidade da missão de Jesus, mostrando que Ele veio para toda a humanidade, não apenas para os judeus.

A genealogia de Jesus Cristo é um dos temas mais fascinantes e significativos do Novo Testamento. Apresentada nos Evangelhos de Mateus (1, 1-17) e Lucas (3, 23-38), ela não apenas traça a linhagem terrena de Jesus, mas também revela profundas verdades teológicas e históricas que têm ressoado ao longo dos séculos.

No Evangelho de Mateus (Mateus 1, 1-16) é destacado a origem real de José, ligando-o ao rei Davi através de seu filho Salomão. Alguns dos ancestrais mais próximos de José mencionados em Mateus incluem: Jacó (pai de José), Matã (avô de José) e Eleazar (bisavô de José).

Embora a ascendência de Maria não seja explicitamente detalhada nos Evangelhos como a de José,

Juliette Oliveira

a tradição cristã e algumas interpretações sugerem que a linhagem apresentada no Evangelho de Lucas (Lucas 3, 23-38) pode ser a de Maria, uma vez que Heli pode ser o pai de Maria. Assim, a origem de Maria também seria traçada até o Rei Davi, mas através de Natã, outro filho de Davi. Alguns dos ancestrais mais próximos são: Heli, chamado também de Joaquim (pai de Maria), Matate (avô de Maria) e Levi (bisavô de Maria).

A genealogia de Jesus é mais do que uma lista de nomes; é um testemunho da fidelidade de Deus às suas promessas. Ela revela que, através de gerações de pessoas imperfeitas e falhas, Deus estava preparando o caminho para a vinda do Salvador. Ela também destaca o plano redentor de Deus para toda a humanidade, desde Adão até Jesus, que veio para restaurar a comunhão entre Deus e a humanidade.

Explorar isso é mergulhar em uma história de fé, esperança e redenção. Cada nome, cada geração, é um lembrete de que Deus trabalha através da história e das pessoas para cumprir seus propósitos eternos. A linhagem de Jesus é uma prova viva de que, independentemente de nossas origens ou imperfeições, todos nós temos um lugar no grandioso plano de Deus.

Refletir sobre a ascendência de Jesus e o plano de Deus nos leva a reconhecer a grandeza e a sabedoria do Criador. Cada evento, cada profecia cumprida, confirma que Deus tem um plano perfeito para a humanidade, um plano que Ele tem executado desde o início dos tempos.

Enquanto consideramos a perfeição do plano divino, é natural refletir sobre nosso próprio lugar nesse grandioso esquema. Assim como cada nome na genealogia de Jesus tinha um propósito e um significado, também nós fazemos parte de um sonho divino. Deus sonhou com você antes mesmo de você nascer, e você merece existir.

Então, o que será que Ele sonhou para você? Como você pode viver de acordo com esse sonho e propósito? Ao meditar sobre estas questões, lembre-se de que você é uma parte valiosa do plano de Deus, uma prova viva de Sua intenção e amor.

A trama da redução populacional – Parte 1



Uma vez por semana levo meu filho, que é autista, para fazer suas terapias. Como ele passa por três profissionais (psicóloga, fonoaudióloga e terapeuta ocupacional) no mesmo dia – e não assisto a rede Globo, que fica sintonizada na televisão da recepção – decidi levar um livro para estudar. E, à época, escolhi “*A conspiração contra a vida*”, de autoria de José Alfredo Elia Marcos, da *Editora Estudos Nacionais*.

Na perseverança da leitura apenas uma vez por semana (para não misturar com outros materiais que estou estudando em paralelo) avancei muito, para mais da metade da obra. Está sendo uma leitura onde posso “*degustar*” com calma cada vírgula e entender muito sobre como surgiu a ideia satânica de antinatalidade.

Não farei uma resenha desta obra aqui – e sim no meu [canal do YouTube](#), em breve – mas tratarei sobre um assunto muito importante: a falácia de que, quanto menor a taxa de natalidade, melhor para o meio ambiente. Para quem pensa que esta lorota é nova, não faz ideia de que a mesma é disseminada há mais de trezentos anos.

Thomas Malthus, clérigo anglicano, economista, matemático e iluminista, é considerado o pai da demografia, por ser também o “pai” do controle populacional; ele dizia que a melhoria da humanidade seria impossível sem limites rígidos para a reprodução.

Danielly Jesus

Malthus acreditava que a capacidade de crescimento populacional seria infinitamente maior que o poder da terra em produzir subsistência para o homem. Isso porque, em seus primeiros ensaios, ele apresentou um cálculo onde, hipoteticamente, as populações humanas crescem, quando não submetidas a obstáculos, duplicando-se a cada 25 anos. Afirmava que, enquanto os meios de subsistências crescem em progressão aritmética, a população cresce em progressão geométrica.

Para aplicar o controle populacional, Malthus defendia o que chamava de “controle natural”; além disso, classificou em dois tipos os métodos para redução populacional: *preventivos* – destinados a reduzir a natalidade; *positivos* – destinado a aumentar a mortalidade.

Sendo favorável a redução populacional, demonstrava falsamente algum tipo de valor cristão; ele defendia a abstinência sexual e condenava radicalmente a prostituição, embora reconhecesse que esta poderia reduzir o número de filhos. Também considerava o uso de métodos contraceptivos dentro do casamento; parece que Malthus vislumbrava o que ocorreria duzentos anos depois: que os métodos contraceptivos iriam contribuir para promover o vício e a promiscuidade.

Dentro dos métodos positivos, Malthus defendia a promoção de guerras, fome, epidemias e guerras.

“A fome não é apenas uma pressão sutil, mas pode ser a razão mais natural para as pessoas serem industriosas e trabalhadoras e fazerem os esforços mais intensos”

“...devemos incentivar as outras formas de destruição que nós próprios obrigamos a natureza a empregar (...) impediremos a cura de doenças.”

“Se a população for impedida de crescer mais do que lhe é conveniente, um dos principais estímulos à guerra ofensiva será suprimido.”

Como toda ideia – boa ou má –, o Malthusianismo sofreu upgrades ao longo dos anos; seus adeptos acrescentaram a defesa de métodos anticoncepcionais, secularização do casamento (que deixaria de ser um sacramento e se tornaria um mero contrato social, sem a obrigatoriedade da prole), a normatização do divórcio e até mesmo o fim da família tradicional, tudo com a desculpa esfarrapada de reduzir a população para não afetar o meio ambiente. Desde Malthus, a ideia é de reduzir o valor do ser humano e divinizar a natureza.

Este movimento ganhou força nos anos 60 com a revolução sexual, através da invenção da pílula anticoncepcional; isso desvincula o sexo da procriação e, ao mesmo tempo, da responsabilidade com o outro; pois, com o vínculo unicamente sexual, a pessoa é rebaixada ao status de objeto apenas. E é nesta fase que o sexo é politizado.

O movimento *hippie* foi um dos grandes causadores desta mazela; foi um comportamento coletivo de contracultura dos anos 60. O movimento, em sua essência, propõe uma crítica ao tradicionalismo e

Danielly Jesus

assim desenvolve um novo estilo de vida que repensa a relação das pessoas entre si e com o mundo, cunhando expressões como “*Paz e Amor*” e “*Faça amor, não faça guerra*”, promovendo o “*amor livre*” e sem distinções.

Este movimento foi um dos mais utilizados para promover o culto à natureza em nossos dias; misturando religiões orientais (hinduísmo, xintoísmo, budismo e outras) e celtas, seus membros praticavam e promoviam o vegetarianismo, rejeitando produtos industrializados, consumindo produtos artesanais, principalmente na alimentação a opção por produtos naturais e orgânicos, com a prática de agricultura de subsistência.

Talvez o leitor se pergunte: qual a relação entre redução populacional e culto à natureza? Explico: quando se retira Deus, o Criador, da equação, não há a quem obedecer, não há limites; logo, o ser humano, criação prima de Deus, criado à Sua imagem e semelhança, pode ser tranquilamente rebaixado a qualquer coisa. E é justamente isso que vem acontecendo há trezentos anos com a disseminação das ideias antinatalistas.

Mas, com a graça de Deus, quanto mais se estuda, mais claro fica que a história “quanto maior a população, menor o bem-estar de um país” não passa de uma falácia com o objetivo claro de controle populacional.

A lista de bons pesquisadores é imensa, necessitando de um ou mais exemplares inteiros de nossa Revista para tratar exclusivamente deles. Então, vamos tratar dos dois mais importantes: *Julian Simon* e *Norman Borlaug*.

Julian Simon foi professor de Economia da *Universidade de Maryland* (EUA) e colaborador do *Cato Institute*, em Washington. Em 1981, publicou a obra “*The Last Resort*”, desmontando a falácia malthusiana.

Falácia 1: Ter menos filhos permite que você economize mais gastando menos

Associaram melhor qualidade de vida com luxos (viagens, bens caros, etc), quando não é nada disso. A realidade mostra que os pais que têm mais filhos, embora não tenham luxos, se esforçam mais para oferecer o melhor para sua prole. É provado que os filhos nos trazem base e responsabilidade e nos movem para buscar o melhor para nossa família.

Falácia 2: Populações maiores consomem mais recursos

Trecho extraído da obra de Simon:

“O crescimento populacional não atrapalha o desenvolvimento econômico, como defende a teoria malthusiana, mas eleva os padrões de vida ao longo prazo.”

Danielly Jesus

Uma grande população traz mais oportunidades; isso explica a migração dentro do nosso país de pessoas saindo do Norte e Nordeste e indo para o Sudeste, pois é nesta região onde há mais recursos. “*Coincidentemente*”, é onde habita a maior parte da população brasileira.

Falácia 3: Com uma população maior, mais poluição e pior qualidade de vida

A história recente nos mostra exatamente o oposto; após a Segunda Guerra Mundial, a expectativa de vida aumentou, a agricultura modernizou-se (permitindo que a população possa comer mais e melhor) e o ser humano, em seu processo de criação e modernização, utiliza-se da sustentabilidade, pensando também no meio ambiente.

Para Simon, o ser humano é o maior patrimônio da terra, pois é este que cria, inova, reinventa, que se adapta.

“Os seres humanos não são apenas bocas adicionais para alimentar, são mais mentes produtivas e imaginativas, que ajudam a criar soluções para os problemas humanos, deixando-nos assim em melhor situação a longo prazo”.

Observe os eletrodomésticos criados nos últimos 60 anos e vejam como eles melhoraram e muito a qualidade de vida da população: ar-condicionado, computador pessoal, walkman (que evoluiu até o celular, que hoje possui quase mil e umas utilidades), máquina de lavar (que fez muito mais pelas mulheres do que o feminismo), micro-ondas, entre outros. Em resumo: quanto maior a população, maior o investimento tecnológico na melhoria e praticidade de vida.

Norman Borlaug é considerado o pai da agricultura moderna e é chamado de “*o homem que salvou um bilhão de vidas*”, por conta do seu trabalho científico realizado no México, onde projetou, multiplicou e desenvolveu variedades de cereais de alto rendimento, principalmente uma espécie de trigo resistente a doenças. Além disso, desenvolveu a tecnologia necessária para até triplicar essas safras.

De militante da causa malthusiana à defensor do agro e da população, ele disse na cerimônia de posse como doutor honoris causa na Universidade de Granada, na Itália:

“Agora eu afirmo que o mundo possui a tecnologia necessária para alimentar uma população de 10 bilhões de pessoas em um contexto de meio ambiente sustentável (...) A questão mais pertinente hoje é saber se os agricultores terão permissão para o uso dessa nova tecnologia.”

Este é o ponto central de todos os pesquisadores favoráveis à população: por unanimidade, eles afirmam que o problema é estritamente político. Ou seja, não há interesse dos governos de promover a melhoria da qualidade de vida. Para resolver “*problemas*”, promove-se aborto, permite-se as guerras (especialmente as civis que ocorrem até hoje no continente africano), vírus “*escapam misteriosamente*” dos laboratórios. Há um esforço conjunto em eliminar o ser humano.

Danielly Jesus

E após anos e anos de lavagem cerebral para redução populacional, a conta chegou: segundo dados publicados pela agência consultora McKinsey, países como o Reino Unido, a Alemanha, o Japão e os Estados Unidos terão de duplicar o seu crescimento de produtividade nas próximas décadas para manter os padrões de vida que foram alcançados na década de noventa.

O relatório destaca que dois terços da população mundial vivem em países onde as taxas de natalidade por mulher estão abaixo da taxa de reposição de 2,1 filhos, o que é necessário para manter uma população estável. Esse problema é especialmente evidente em países da OCDE, como Japão, Itália e Grécia, bem como na China e em vários países da Europa Central e Oriental, onde as populações já estão diminuindo.

Além disso, o relatório calculou que, na Europa Ocidental, um declínio na proporção de pessoas em idade ativa poderia reduzir o PIB per capita em uma média de US\$ 10.000 nos próximos 25 anos. Esse declínio afetaria diretamente os padrões de vida, que têm sido um pilar das economias desenvolvidas.

E não é que Julian Simon estava certo? Quem diria, né? (Contém ironia).

Não resta dúvida que o projeto de redução populacional visa apenas a eliminação do ser humano.

Para o leitor que desacredita disso, recomendo a leitura da continuação deste artigo na próxima edição, onde trataremos sobre relatórios de algumas conferências climáticas. O que alguns tratam como “*teoria da conspiração*”, aqui chamamos de realidade.

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS!

www.revistaconhecimentocidadania.com



[Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania](#)



revistaconhecimentocidadania@gmail.com



[@revistaconhecimentocidadania](#)



[@revistaconhecimentocidadania](#)



[@RevConhecimento](#)



<https://www.vakinha.com.br/4961006>



[@RevistaConhecimentoCidadania](#)



[Revista Conhecimento & Cidadania](#)

REVISTA

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO &
CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania

